

CENTENÁRIO

—

# os meus dias com ÁLVARO CUNHAL

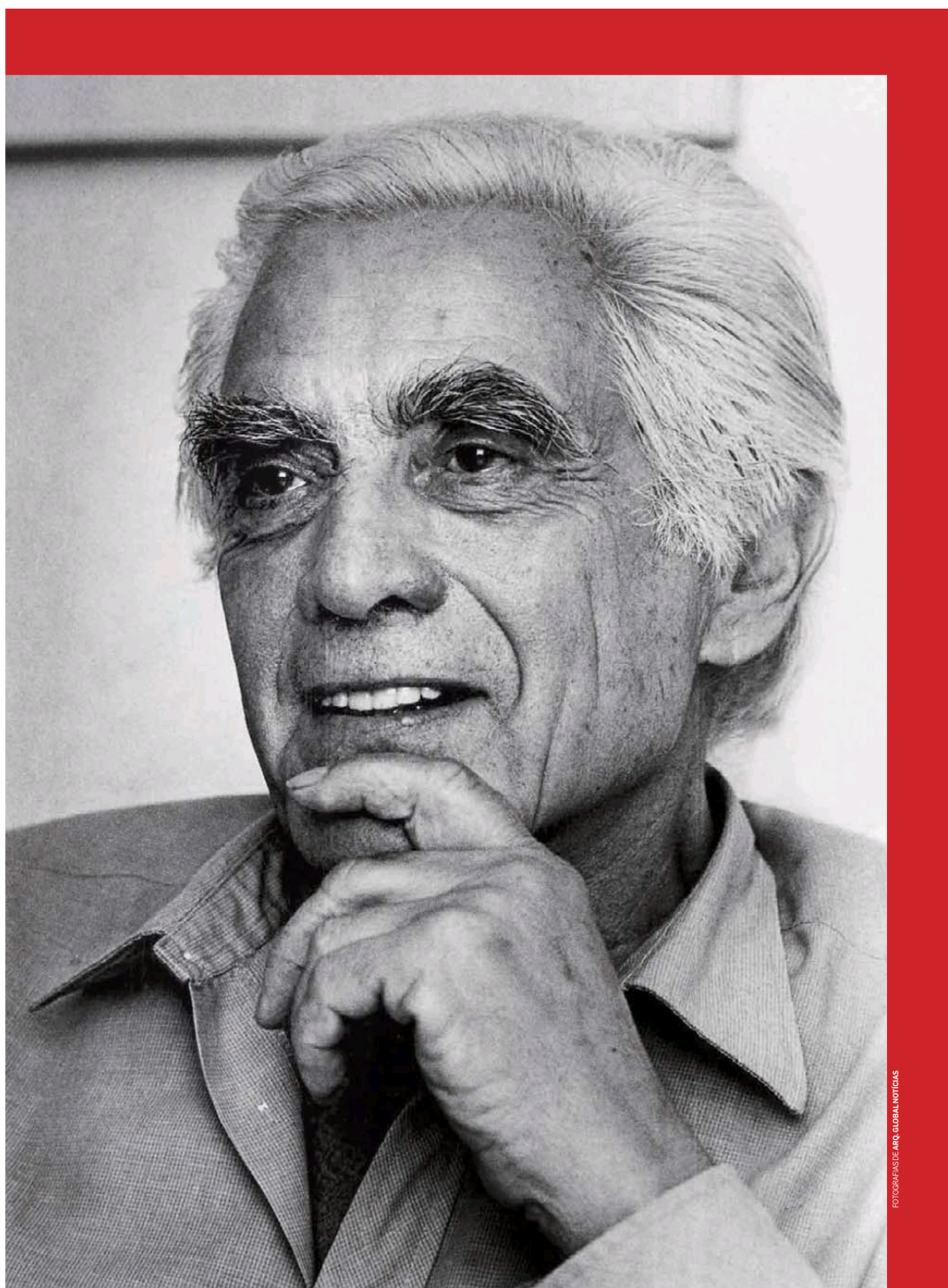
No dia em que o líder histórico do PCP completaria 100 anos, **Catarina Pires**, jornalista da *Notícias Magazine* e autora do livro *Cinco Conversas com Álvaro Cunhal*, traça um retrato do homem com quem privou nos últimos oito anos da vida deste.

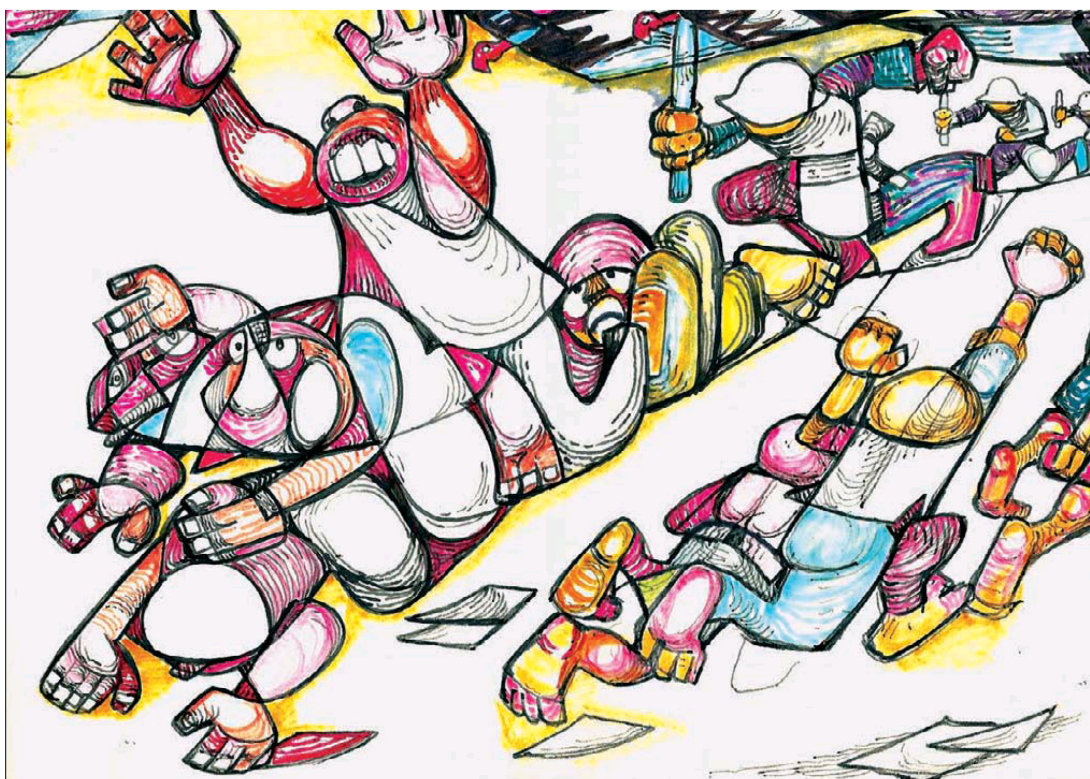
## *Não queria biografias,*

abominava endeusamentos, recusava o culto da personalidade. Sempre foi mal interpretada a sua vontade de manter privada a parte da vida que o era. Não o fazia para adensar mistérios, criar auras ou espalhar charme, mas por uma ética que lhe era intrínseca. Via-se como um homem simples, igual a todos os outros, cuja vida pessoal não deveria interessar a ninguém a não ser a si próprio e aos que lhe eram íntimos. Com estes não tinha reservas. Falava sobre tudo. Queria saber tudo.

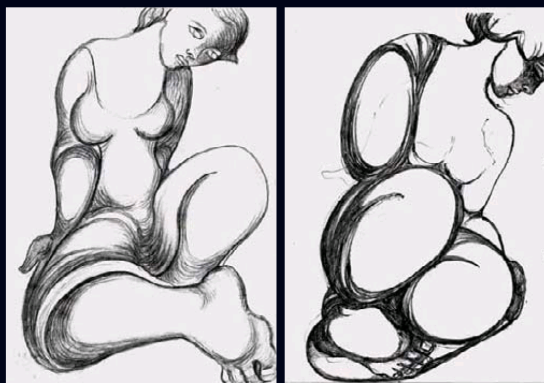
Deve ser por isso que o meu Álvaro Cunhal é diferente daquele sobre quem por vezes leio em livros, grandes reportagens ou artigos de opinião. Deve ser por isso que a primeira vez que o reencontrei num escrito foi numa entrevista que a filha, Ana Cunhal, deu, em 2010, ao jornalista Nuno Tiago Pinto, na revista *Sábado*. Estava lá o Álvaro que conheci: afetuoso, atencioso, generoso, paciente, indulgente, com um enorme sentido de humor. O Álvaro que, aos 84 anos, encontrou espaço na sua vida para mais uma pessoa.

28 NOTÍCIAS MAGAZINE

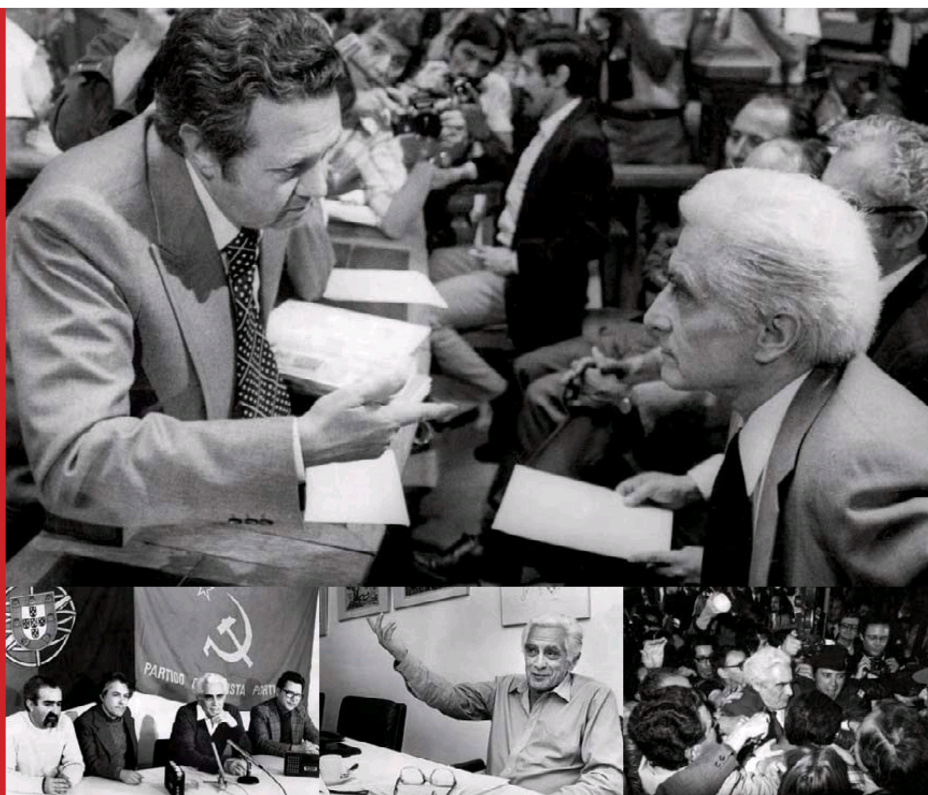




*Guardo o desenho que me fez  
com o mapa para chegar a sua casa, nos Olivais, assim como três dos  
muitos «desenhos das reuniões» que tinha guardados e que me ofereceu,  
para responder à minha exuberante curiosidade sobre eles.*



ILUSTRAÇÕES DE ÁLVARO CUNHAL



*Ainda consigo ouvir a voz incrível da minha mãe,  
há 16 anos, com o auscultador do telefone a tremer-lhe na mão:  
«Catarina, é o Dr. Álvaro Cunhal. Quer falar contigo.»  
E depois a voz dele, bem humorada: «Sabes quem fala?»*

## Da segunda vez que o Álvaro Cunhal

telefonou para casa dos meus pais, fui eu que atendi. Tinha-lhe pedido uma entrevista para a *Notícias Magazine*, onde entretanto estava a estagiar, e que ele tinha recusado. Não queria dar entrevistas. Mas, «Catarina, estive a pensar na tua proposta e se, em vez de uma entrevista, fizéssemos uma série de conversas? Se saírem bem, publicamos um livro.» Silêncio. Como aceitar? Como recusar? Meses de preparação. Dezenas de encontros semanais na sala E da Soeiro Pereira Gomes. Cerca de 18 horas de conversas. E o livro saiu. *Cinco Conversas com Álvaro Cunhal*. Era abril de 1999.

Recorrendo ao prefácio que escrevi para a segunda edição, de setembro de 2013, percebo agora que o tempo é a noção mais relativa, sinto que foi há uma eternidade e no entanto, ao lê-lo, volto lá e é como se tivesse sido há bocadinho e o Álvaro não tivesse morrido e eu não tivesse crescido e nós estivéssemos no balcão do bar da sede do PCP, ele a explicar-me divertido o que são peixinhos-da-horta.

Esse é o maior privilégio. Poder sempre voltar lá. Poder sempre ler estas conversas e ouvi-las, adivinhar o que dissemos a seguir, ouvir-nos as vozes, a dele e a minha, ora serenas, ora exaltadas, ora divertidas, mas sempre de boa fé. Reconhecer nestas conversas, agora, 14 anos depois, a imensa generosidade e paciência do Álvaro para as minhas perguntas provocadoras, para as minhas dúvidas cheias de certezas, para as minhas opiniões, tantas vezes pueris. Descobrir-lhes, nele, o gosto de ouvir, de discutir, de partilhar e até de aprender; em mim, a capacidade de pensar, o atrevimento de perguntar, a vontade de descobrir.

Falámos de tudo, de história, de política, de ideias, de pessoas, do mundo, de livros, de pintura, de comida, de amizade, de amor, de sexo, de ódio, de vingança, da vida. E ao longo das conversas, não só pelo que diz, mas também pelo que não diz e sobretudo pela forma como faz uma coisa e outra, Álvaro Cunhal dá-se a conhecer melhor.

32 NOTÍCIAS MAGAZINE

© 2003 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 253: 105–112

A última vez que falamos foi uns meses antes da sua morte. Liguei a saber dele e quando podia apresentar-lhe o meu filho João, nascido há pouco tempo. Lamentou não estar em condições de nos receber. Perguntou por ele. Como era. Se se portava bem. Despedimo-nos. Senti que não voltaria a vê-lo. Na manhã de 13 de junho de 2005 soube que não. Que não voltaria. ●